



PROVA DE HABILIDADE ESPECÍFICA: DO VERBAL AO VISUAL

André Luiz Pinto dos Santos¹
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/UDESC

Resumo:

O presente artigo aborda reflexões sobre a tradução intersemiótica tendo como objeto de análise a segunda questão da segunda etapa do Processo Seletivo de Vestibular da Universidade Federal do Paraná, realizado em 2010, para o Curso de Design. O discurso apresentado a seguir procurará apontar possibilidades metodológicas ao aspirante a uma vaga no Curso de Design da UFPR, no que tange à execução da prova de habilidade específica. Para tanto, acredita-se ser de grande valor o conhecimento das possibilidades de cada linguagem envolvida (verbal e visual), assim como as possibilidades de intercâmbio entre estas.

Palavras-chaves: Tradução, Semiótica, Vestibular, Desenho, Música

Abstract:

This article discusses thoughts on intersemiotic translation as the object of study the second issue of the second stage of the selection process Vestibular Federal University of Parana held in 2010, Course Design. The speech presented below try to indicate methodological possibilities to the aspirant for a seat in the Course Design da UFPR, with respect to implementation of specific evidence of ability. For this, it is believed to be of value grid, knowledge of the possibilities of each language involved (verbal and visual), as well as the possibilities of exchange between them.

Keywords: Translation, Semiotics, Vestibular, Drawing, Music

¹ Aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV/CEART - Mestrado, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, linha de Pesquisa Ensino das Artes, sob orientação da Prof.^a Dr.^a. Sandra Regina Ramalho, turma 2009/II.



Construindo um diálogo sobre a produção “textual”

A teoria semiótica possui várias correntes teóricas. Esta pesquisa ateu-se à semiótica discursiva. A. J. Greimas, em *Semântica Estrutural*, deixou um trabalho que norteou o que hoje se chama de semiótica discursiva. Dentre os muitos autores que versam sobre o assunto, Barros e Fiorin foram escolhidos como base teórica para esta pesquisa. Barros desenvolve em seus trabalhos termos e conceitos que aqui serão utilizados, de uma maneira não complexa, construindo termo a termo os conceitos aplicados no texto. Fiorin mostra principalmente os elementos essenciais da teoria clássica da semiótica (percurso gerador de sentido) exemplificando com textos verbais as diversas etapas do processo de significação. Fiorin, neste trabalho, apresenta apontamentos sobre estrutura narrativa, categorias de pessoa, espaço e tempo, categorias estas que se fazem muito recorrentes, por exemplo, em questões avaliativas de segunda etapa como as da UFPR, para o Curso de Design.

“Domingo no Parque” – A seletiva

A UFPR realizou no ano de 2009 seu processo seletivo de vestibular para o curso de Design, onde os candidatos realizavam provas em duas etapas. Na primeira os candidatos faziam testes de matemática, física, química, biologia, português, história, geografia, inglês ou espanhol; e na segunda fase respondiam questões relacionadas à elaboração textual, tanto no verbal (redação) como no imagético (habilidade específica – desenho).

A prova de habilidade específica do referido processo de avaliação consistia de cinco horas para a resolução, onde o candidato recebia folhas de papel A3 para executar duas questões elaboradas pela instituição. A prova consistia de duas questões, para este trabalho interessará apenas a segunda.



A segunda questão aferia essencialmente do candidato uma percepção imaginativa, onde teria que demonstrar sua criatividade a partir do apelo da memória. Assim, o enunciado da segunda questão era:

02 - Imaginação e criatividade

Crie uma ilustração para o tema dado a seguir:

DOMINGO NO PARQUE

Partindo desta última questão surgiram indagações sobre qual a melhor maneira de executar uma transposição de linguagem sem afetar o sentido articulado na questão. Assim, surgiu a necessidade de um processo metodológico para a resolução da questão que fosse capaz de manter o todo significativo independentemente da transposição de linguagens feita pelo candidato.

Acredita-se aqui ser possível construir uma narrativa de associação entre a música “Domingo no Parque” de Gilberto Gil e o tema proposto pela Universidade Federal do Paraná de mesmo título. Essa associação seria construída através de elementos passíveis de tradução, como aborda Diniz:

Isto quer dizer que um elemento x que ocupa um determinado lugar num determinado sistema de signos, o teatro, por exemplo, seria substituído, na tradução, por um outro elemento x' que exercesse a mesma função, porém no outro sistema de signos, o cinema. (1994, p.1002)

Segundo Diniz, toda linguagem possui uma regra específica, uma sintaxe, portanto um elemento “ X ” pode ser traduzido por um elemento “ Y ” em outra linguagem, e mesmo sendo ambos diferentes mantêm um todo significativo comum. A tradução entre linguagens é comum no mundo contemporâneo em que se vive. O candidato vê no texto verbal informações que suscitam relampejos já vividos, e associa os dados da questão a um conjunto de idéias anteriores, ou seja, gera conexão com partes da memória. Segundo Abbagnano, a definição de memória é:

Possibilidade de dispor dos conhecimentos passados. Por conhecimentos passados, é preciso entender os conhecimentos que, de qualquer modo, já estiveram disponíveis, e não já simplesmente conhecimentos *do* passado. O conhecimento do passado também não é simplesmente



marca, vestígio, pois estas são coisas presentes, não passadas. (2003, p.657)

Em um primeiro momento o candidato se concentra para fazer uma análise impessoal, busca os dados do problema, e em um momento seguinte se vê envolvido pela questão. São momentos distintos no interior da percepção de um sujeito. Segundo Deleuze (1983, p.86), a percepção poderia ser subdividida em três tipos. O primeiro deles é a percepção subjetiva, que poderia ser entendida como “a coisa vista por alguém “qualificado”, ou o conjunto tal como é visto por alguém que faz parte desse conjunto”. A percepção subjetiva do candidato pode ser encarada como aquele momento em o mesmo busca dentro de seu repertório uma bateria de informações que possuam relação com o tema da questão, ou seja, “domingo no parque”. O candidato se imagina, ou lembra-se de um momento passado em que estava em um parque. Seleciona dentro de “n” oportunidades, imaginadas ou vividas, aquelas que melhor se encaixam na temática. O pretendente a uma vaga no curso de Design envolve-se, e é aí que entra o fato subjetividade. Para cada candidato será uma realidade sentida após a leitura do tema.

O segundo tipo de percepção para Deleuze (1983, p.87) seria a percepção objetiva, definida como um discurso indireto (o espectador vê o personagem de modo a poder, mais cedo ou mais tarde, enunciar o que este espontaneamente vê). Este momento, o da percepção objetiva, para o executante da prova de habilidade específica, é aquele em que o candidato analisa os dados da questão sem remeter os dados a nenhum dado pessoal, vivido, experimentado, ou conhecido. Talvez possa aqui ser dito que a percepção objetiva é em uma prova desta naturalidade, ou seja, uma prova essencialmente subjetiva, a única parte de comum entendimento a todos os candidatos. É a percepção objetiva que fornece ao candidato as regras de execução da questão. É a partir da percepção objetiva que o candidato pode ver com os olhos do outro aquilo que ele pretende executar.

E por último o autor francês aponta para uma percepção semi-subjetiva que poderia ser entendida como aquela em que o observador percebe ora de maneira objetiva, ora de maneira subjetiva. Portanto, a análise objetiva



acontece quando o candidato interpreta a questão sem relacionar os dados presentes nesta com fatores de seu repertório. No entanto, quando as informações são interpretadas pelo candidato, são traduzidas em seu desenho, pode-se dizer que ele percebe a questão da prova sob uma percepção subjetiva, visto que sua pessoa está inserida na percepção da questão. Por fim, a percepção geral do candidato quando está diante da prova de vestibular poderia ser resumida como semi-subjetiva, uma vez que ele percebe em um primeiro momento de maneira objetiva, e em um segundo momento de maneira subjetiva.

As conexões de idéias elaboradas pelo sujeito se relacionam com algo externo à prova de habilidade específica, algo vivido em um momento passado, portanto, são conexões extrínsecas à questão do vestibular. Se existem estes relampejos, é certo que existem pontos de contato entre a prova e as experiências vividas pelo sujeito. O candidato traz à tona um novo texto. Segundo Ponty (1999, p.38), "Dois termos nunca podem ser *identificados*, percebidos ou compreendidos como o *mesmo*, o que suporia que sua eceidade é ultrapassada; eles só podem ser indissolivelmente associados e em todas as partes, substituídos um pelo outro", assim Ponty aponta para a idéia de que um texto "x" só pode ser um texto "x" a partir dele mesmo, qualquer outro texto será apenas semelhante, que guarda alguma relação com o texto "x" referenciado. Em outras palavras, o desenho de um parque será "um" semelhante da palavra parque, e não o mesmo que a palavra parque.

O candidato cria sua resposta em uma linguagem gráfica, de tal maneira que guarde o maior número possível de relações com o que foi pedido na questão, como afirma Ponty:

[...] a significação do percebido, longe de resultar de uma associação, está ao contrário pressuposta em todas as associações, quer se trate da sinopse de uma figura presente ou da evocação de experiências antigas. Nosso campo perceptivo é feito de "coisas" e de "vazios entre as coisas". (1999, p.38)

Todo o sujeito possui uma história, um repertório, uma vivência. Assim o texto verbal da questão de vestibular não age de maneira independente, ele



não leva a uma solução pronta de resposta. Toda a associação gerada a partir de um texto verbal sugerido em questões de provas de habilidade específica, só surtirá efeito de significação se operar em uma clave de possibilidades, se atuar no espaço do provável, do possível, uma vez que dependem do contexto das experiências vividas, e da maneira com que são capazes de atualizem. O texto verbal, todavia, deve ser capaz de trazer à tona as marcas passíveis de associação, bem como o sujeito deve ser capaz de visualizar no texto verbal possibilidades associativas com dados de sua experiência passada. Segundo Ponty:

“A figura 1 não é evocada *pela* figura 2, ou só o é se primeiramente vimos na figura 2 uma "figura 1 possível", o que implica dizer que a semelhança efetiva não nos dispensa de procurar como ela é primeiramente tornada possível pela organização presente da figura 2, que a figura "indutora" deve revestir-se do mesmo sentido que a figura induzida antes de evocar sua lembrança, e enfim que o passado de fato não é importado na percepção presente por um mecanismo de associação, mas desdobrado pela própria consciência presente. (1999, p.43)

Deve haver, por parte do candidato, uma preocupação com a estruturação do *texto*², ou seja, deve se preocupar com a certificação de como a significação está construída. É esta análise feita de maneira objetiva que o permitirá identificar pontos de contato com suas experiências vividas. Assim, perceber não é recordar-se, todavia no ato da percepção associativa entre linguagens, como aqui se tenta demonstrar, verifica-se a necessidade de uma atualização das recordações em um momento presente.

As atualizações certamente são elaboradas no momento único em que o sujeito vê no vazio a construção de sua resposta. O candidato executante quando começa a “rascunhar” seu projeto de resposta no campo das possibilidades vislumbra um possível enunciatário, ou seja, ele idealiza naquele momento um sujeito que irá ler o produto de suas relações – o desenho. Portanto, sempre que alguém elabora um discurso, não elabora sozinho, pois junto do ato de elaborar o enunciado, há também uma imagem virtual do

² O conceito de “texto” para a semiótica abrange várias manifestações expressivas, desde um gesto até uma pintura podem ser considerados como uma produção textual.

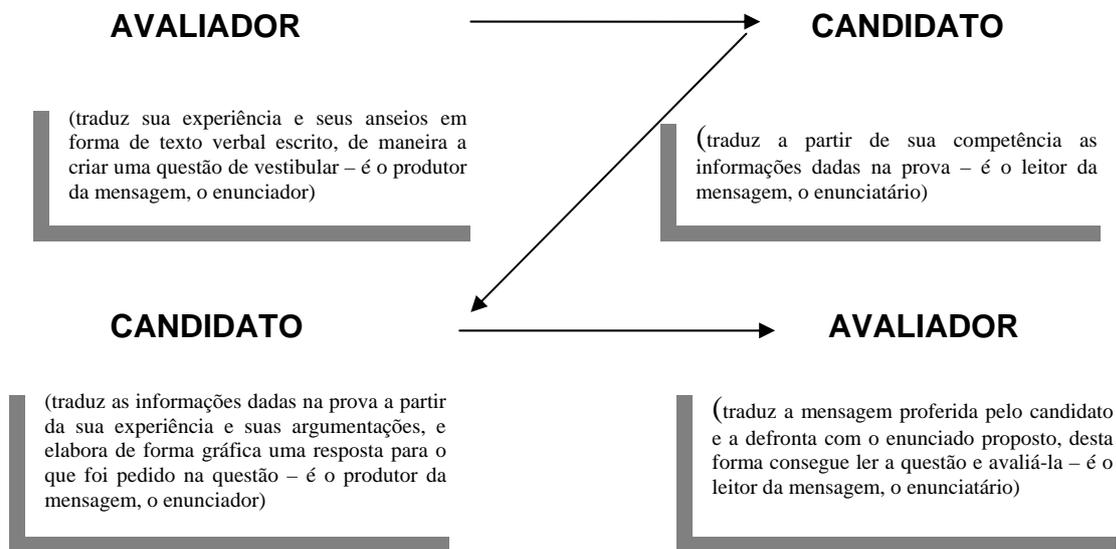


destinatário, e, sendo assim, este discurso é elaborado em função de uma compreensão deste segundo sujeito a quem se destina o produto elaborado.

O candidato deve saber erigir o desenho de maneira a evidenciar a sua compreensão da questão, ou seja, necessita demonstrar ao seu avaliador que entendeu o que foi pedido na linguagem verbal escrita, traduzindo o enunciado para uma resposta imagética. Sobre os tipos de tradução, Ramalho explica:

O conceito de tradução é então fundamental e pode ser considerado em duas dimensões, na perspectiva do tradutor/produtor (o criador, que traduz significados para a imagem) e na do tradutor/leitor de imagens (o leitor, que traduz os significados da imagem, recriando-a ou atualizando-a). (1998, p.30)

Quando o elaborador elabora a questão ele extrai de seu repertório de conhecimentos e de experiências vividas um dado problema a ser resolvido pelo candidato. Nesta etapa o elaborador da questão traduz significados das mais variadas linguagens para a linguagem verbal. O candidato, quando de posse da prova, se vê diante de um problema a ser resolvido. Para que tal objetivo seja de fato realizado pelo candidato será também necessária uma recodificação da linguagem textual – verbal, em uma linguagem gráfica – o desenho. Neste momento o candidato é um leitor, necessita saber traduzir o que está escrito, imaginar uma solução de acordo com suas relações abstratas para o problema, e depois construir a partir de uma nova linguagem uma resposta para seu avaliador. Assim sendo, tem-se o seguinte esquema:



O avaliador, em um primeiro momento, é produtor de enunciado, e o candidato o leitor do enunciado. Em um segundo momento o candidato é o produtor de um novo enunciado, influenciado pelo enunciado anterior, e o avaliador passa a ser o leitor que busca marcas do enunciado anterior neste novo a ser interpretado.

Em processos seletivos desta natureza a questão formulada pelo avaliador norteará a formulação da resposta por parte do candidato. O novo discurso produz um plano de expressão diferente do primeiro, mas semanticamente ambos os discursos (problemática e resposta) mantêm uma espécie de identidade que os une. Assim tem-se o que a semiótica diz de *enunciador* e *enunciatário*. Enunciador, também entendido como destinador, é aquele que elabora e direciona a alguém o produto da enunciação. Em outras palavras, é o sujeito implícito no enunciado, aquele que escolhe, *a priori*, seu enunciatário, também tido como destinatário, quando organiza um conteúdo comunicativo a partir de uma determinada linguagem. A este destinatário também se destina, em um momento seguinte, o produto codificado da enunciação. Segundo Fiorin, enunciador é:



[...] O *eu* é instaurado no ato de dizer: *eu* e o *tu* são actantes da enunciação, os participantes da ação enunciativa. Ambos constituem o sujeito da enunciação, porque o primeiro produz o enunciado e o segundo, funcionando como uma espécie de filtro é levado em consideração pelo *eu* na construção do enunciado. (2008, p. 137)

No caso de uma prova de habilidade específica o papel do enunciador não é estático, ele altera de acordo com as fases do processo avaliativo.

Como já mencionado, o enunciatário é o sujeito a quem se direciona o enunciado, entretanto possui uma espécie de “co-autoria” com o enunciador do discurso, já que o ato de leitura, de decodificação da linguagem, é um processo de elaboração do discurso, entendendo que a leitura é um ato de significação, assim como bem define Fiorin:

[...] é preciso considerar que o enunciatário não é um ser passivo, que apenas recebe informações produzidas pelo enunciador, mas é um produtor do discurso, que constrói, interpreta, avalia, compartilha, ou rejeita significações. (2008, p.154)

Sendo assim, o enunciatário de uma prova de habilidade específica, em um primeiro momento, seria o candidato que se submete ao processo avaliativo. Em um segundo momento passa a ser o avaliador do processo seletivo, que interpreta a resposta a ele destinada pelo candidato. A função de ambos, enunciador e enunciatário, reside em codificar e decodificar um dado específico para uma determinada linguagem em momentos distintos.

“Domingo no Parque” – uma análise semiótica

Nível fundamental

Segundo Barros (2005, p.13), no nível fundamental encontram-se as relações mais simples e abstratas do texto, e nesta etapa surge a significação como oposição semântica mínima. Assim poder-se-ia ter como oposição:

VIDA – MORTE



Desde que no todo do texto tenha-se compreendido a seguinte fragmentação: até a penúltima estrofe da música permanecem elementos que presentificam o estado do viver, entretanto, na penúltima estrofe, como resultado de uma sanção, gera-se um estado passivo e mórbido da morte. Significações de oposição que descrevem os personagens e os autentica como diferentes talvez possam ser bem identificados neste nível de significação como mostra a tabela abaixo:

JOSÉ	JOÃO
Rei da Brincadeira	Rei da Confusão
Não possui o amor de Juliana, embora, quisesse.	Possui o amor de Juliana
É no início tido como bom sujeito	É no início tido como um rapaz mau
No fim é tido como um rapaz mau	No fim é tido como um sujeito bom

Logo no início o narrador evidencia características dos dois sujeitos masculinos da letra. Conta que José era o rei da brincadeira e João o rei da confusão, inclinando a leitura para a compreensão de que José era amistoso e João um rapaz de pouca conversa. No decorrer da canção, João começa a ser apresentado como um ser que ama e que sabe galantear uma dama. Na contramão desta apresentação de João, o personagem de José, que antes fora apresentado como brincalhão, passa agora a dispor de um sentimento de inveja de seu amigo João, quando o vê a passear com Juliana. Na seqüência a ira de José é despertada, e por fim ocorre a última oposição: José mata João e Juliana. Assim os papéis se invertem. José, que no início era tido como bom moço, no final veste o manto negro do assassino, e João, que começa como um rapaz brigão, vê sua vida e seu amor com Juliana serem interrompidos bruscamente por seu amigo José, que os mata.

Nível Narrativo

Segundo Pietroforte (2007, p.15-16), o nível narrativo é marcado pelas transformações narrativas, neste nível encontram-se dois tipos de enunciado:



aqueles que se configuram pela posse de um objeto de valor (conjunção), ou pela perda de um objeto de valor (disjunção), chamado então de *enunciado de estado*, e aquele que promove a ação transformadora do enunciado de estado, chamado de *enunciado de fazer*. Analisar-se-á por primeiro os enunciados de estados contidos na letra.

A primeira estrofe mostra que José estava conjunto com a brincadeira, ou seja, José era um sujeito brincalhão, agradável, amistoso. José ainda está conjunto com o trabalho de feirante, este é o seu ofício, é da feira que tira seu ganha-pão. No entanto, João está em conjunção com a confusão, ou seja, ele é brigão, que por muito pouco parte para a agressão. Enfim, um sujeito que briga com muita facilidade. João está em conjunção com o trabalhar na construção, talvez seja um pedreiro, ou um carpinteiro, um arquiteto, ou quem sabe um engenheiro, mas o que é certo é que João ganha seu dinheiro trabalhando na construção

Na última estrofe da música aparecem as disjunções, fato verificado com o homicídio doloso que antecede a estrofe. Vê-se que José entra em disjunção com a brincadeira, passa a ser agora o agente protagonista do terror, da morte. É José o culpado pela morte de João e Juliana. É José o sujeito que antes fora brincalhão e agora aparece como o gerador da confusão. João, no entanto, era tido como o rei da confusão, agora inerte à vida, pode ser considerado talvez como o rei da brincadeira, pois o sentimento do amor quem sabe possa ser encarado como equivalência de prazeres da brincadeira, ou seja, algo bom. Assim, a forma esquemática do enunciado de estado para estas duas estrofes poderia ser:

1º Estrofe	
JOSÉ	JOÃO
Conjunção com a brincadeira	Conjunção com a confusão
Conjunção com o ofício de feirante	Conjunção com o ofício da construção

2º Estrofe	
JOSÉ	JOÃO
Disjunção com a brincadeira	Disjunção com a confusão
Disjunção com o ofício de feirante	Disjunção com o ofício da construção



Já na segunda estrofe, o narrador apresenta conjunções e disjunções ocasionais, sendo que apresenta como corriqueiras as conjunções na terceira estrofe, ocorridas respectivamente com os personagens masculinos da letra da música, João e José.

Na semana passada, no fim de semana, João que tinha como hábito brigar, ou seja, estar conjunto com o ato de brigar, se ateve disjunto desta ação. Também esteve disjunto de outro hábito que era o de jogar capoeira perto da Ribeira, preferiu ir ao mesmo local para namorar, logo, na segunda estrofe, mostra a conjunção de João com o ato de namorar, que por sinal é diametralmente oposto ao de brigar, como antes fora rotulado.

Na terceira estrofe José é apresentado como o sujeito conjunto ao lazer, ocasionado após seus afazeres na feira. José vai até perto da Boca do Rio, provavelmente a Ribeira onde se encontrava João, e visualiza Juliana.

Na quarta estrofe a música começa a enveredar pela alternância de estados de José, e também a formulação de sentido que sucumbirá na morte de João e Juliana ao cabo da canção.

No começo da quarta estrofe, nas quatro primeiras linhas, tem-se a visão de José da cena, a descrição de um doce passeio de Juliana e João. Neste momento Juliana é apresentada como uma moça feliz e que sonha com o bem estar ao lado de seu bem amado. No entanto, para José, ver Juliana com um rosa e um sorvete ao lado de seu amigo João é algo que ocasiona uma dor em seu peito que não tem tamanho, materializada nas duas últimas linhas da estrofe.

A quinta e a sexta estrofes materializam o pensamento de José, o pensamento em turbilhão. Esboça aquele momento em que o sujeito não acredita no que está vendo. É como se não fosse verdade, ele (José) não quer acreditar no que vê. Sua mente trabalha quase de maneira irracional, não tem noção do que é ou não certo, apenas quer autenticar que aquilo que vê se parece com uma ofensa, uma agressão, algo que não está certo. Portanto



estas duas estrofes mostram a disjunção de José com a possibilidade de conquistar Juliana, visto que ela já se encontra feliz e ao lado de João, e também, mesmo que de maneira velada, José entra em conjunção com a raiva, com o ódio, e com a inveja que despertarão outros sentimentos em José.

Na sétima estrofe José aparece olhando Juliana e João na roda gigante, na mesma velocidade em que giram no eixo do brinquedo, a mente de José vai se envenenando com a situação. Na oitava estrofe José entra em conjunção com a vontade de matar, com a vontade de pôr um fim na situação que visualiza. Logo na oitava estrofe José entra em conjunção com a vingança, que surge como uma resposta para a situação avistada.

Na nona estrofe José põe fim à sua amizade com João. Põe fim também na possibilidade de conquistar Juliana. Põe fim na vida de João e de Juliana. O ato o coloca como assassino, desta forma José entra em disjunção com a brincadeira e se coloca de maneira conjuntiva com a confusão. João, nesta estrofe, assim como Juliana, se apresenta disjunto da vida e em conjunção forçada com a morte, dado que foram assassinados.

Os enunciados de ação, ou seja, enunciados do fazer, compreendem quatro etapas distintas que, segundo Fiorin (2002, p. 56-57), seriam: manipulação (consiste em um personagem induzir outro a fazer alguma coisa), competência (quando o sujeito possui um saber ou um poder que o permite realizar uma ação), performance (é o período compreendido em uma narrativa em que o sujeito estabelece uma relação de perda ou de ganho com alguma coisa) e sanção (é o momento final, o sujeito é julgado pela sua ação de forma positiva ou negativa por seu manipulador).

Assim João possui a competência que falta a José para a aquisição e manutenção do amor de Juliana. Por outro lado, José sabe como pôr um fim no amor de Juliana por João, fato que se justificará no término da canção. No processo de manipulação os sujeitos envolvidos transitam entre o bem e o mal, entre a briga e a brincadeira, entre possuir ou não o amor de Juliana. Por fim a sanção se dá quando José mata ambos e põe fim ao seu amargor, e também na felicidade de João e Juliana.



Nível Discursivo

No nível discursivo, segundo Barros (2005, p. 16), as oposições fundamentais assumidas como valores narrativos desenvolvem-se sob a forma de temas e, em muitos textos, concretizam-se por meio de figuras. Assim na música de Gilberto Gil a temática que se constrói rege a idéia da inveja entre pessoas que disputam o mesmo amor. Por isso a figurativização da inveja se manifesta em José ao preferir acabar com a amizade que possui para com seu amigo e também aniquilar o amor não sacramentado por Juliana matando-a.

“Domingo no Parque” – Uma possibilidade de discurso

Quando se analisa a letra da música (ver anexo 01) vê-se que Gilberto Gil conta uma espécie de história. Um desenho deve conter também uma narrativa. Para responder a questão da UFPR, apontada no início do artigo, o candidato poderia, por exemplo, fazer uso de uma perspectiva linear cônica de um parque (um local urbano e arborizado), exposta na folha de maneira horizontal, sendo que em primeiro plano poderia haver alguém que olha um casal ao fundo. A moça do casal poderia estar chupando um sorvete e segurando uma rosa. Ou ainda, em um estado mais complexo, o candidato poderia desenhar uma natureza morta que poderia ter seu ponto de observação um ângulo a partir de uma vista superior, de tal maneira que fosse possível visualizar algumas frutas e tijolos quebrados, a faca e a rosa entrelaçadas, todos estes objetos sobre um tecido manchado de sangue e estendido em um gramado. Pronto. Estaria feita a referência à música de Gilberto Gil.

Quando o candidato desenhasse as frutas estaria figurativizando a feira, já na representação gráfica dos tijolos estaria presentificado a figurativização de João, o trabalhador da construção morto – por isso os tijolos quebrados em oposição às frutas inteiras, que remetem à continuidade de José em vida. A rosa e a faca estariam entrelaçadas, pois estão em oposição semântica. A rosa



presentifica na grande maioria das vezes o amor, o carinho e por conseqüência a vida. A faca, por sua vez, materializa semanticamente a dor, o corte, a ferida, sendo assim em um nível mais profundo a morte. O tecido branco remete à idéia pureza, que foi figurativizada na música de Gilberto Gil como o passeio de Juliana e João. A mancha vermelha no pano branco aponta para a impureza, e este estado se materializa na ação de José que fere a moça. O ato em si é impuro, trata-se de uma oposição à vida, deste modo o pano branco manchado de sangue seria Juliana morta. Por fim estes objetos todos estariam sobre a grama, que materializa o local, ou seja, o parque.

Conclusão

A pesquisa aqui iniciada é um estopim para a discussão no que tange a tradução de linguagens em provas de habilidade específica em vestibulares. Desde já parece ser benéfico apontar que as discussões sobre o tema são muito escassas, chegando ao limite da inexistência. Existe uma concorrência muito grande quando se trata de ingressar em uma instituição pública ou privada de nível superior. Portanto se faz necessário por parte do candidato estar bem qualificado, e, para que obtenha êxito em provas como a descrita nesta pesquisa, acredita-se serem indispensáveis por parte do executante conhecimentos referentes à tradução de linguagens, perceptivos, e mesmo os da ordem da significação. A pesquisa aqui esboçada é apenas um pequenino tijolo nesta edificação chamada significação, portanto cabem mais esforços assim como o aqui apresentado para solidificar uma compreensão de como a imagem se dá para o sujeito que executa, assim como para o sujeito que a recebe. Os princípios da semiótica discursiva atrelados com a possibilidade da tradução intersemiótica são possivelmente dois pilares a serem mais desenvolvidos em possíveis pesquisas que se interessem sobre o tema. Vale lembrar que provas do gênero da UFPR exploram a significação, e nos últimos anos este tipo de prova vem sendo cada vez mais recorrente nos processos seletivos de vestibulares.



REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BARROS, Diana Luz. Pessoa de. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 2005
- DELEUZE, Giles. Imagem-movimento Trad. Stella Senra. São Paulo, Editora Brasiliense: 1983
- DINIZ, Thais Flores Nogueira. A tradução intersemiótica e o conceito de equivalência. Revista Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC, São Paulo, v. 2, p. 1001-1004, maio. 1994
- FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2008
- GREIMAS, Algirdas Julien. COURTÉS, Joseph. Dicionário de Semiótica. São Paulo: Contexto, 2008
- RAMALHO, Sandra. Leitura de Imagem para a Educação. São Paulo, Puc, 1998 . Tese de doutorado.
- PONTY, Maurice Merleau. Fenomenologia da Percepção. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. - 2- ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999

Sites Consultados

<http://www.letras.com.br> – acessado no dia 10/03/2010

<http://www.nc.ufpr.br> – acessado no dia 10/03/2010



Anexos

01) Letra “Domingo No Parque” de Gilberto Gil

O rei da brincadeira - ê, José
O rei da confusão - ê, João
Um trabalhava na feira - ê, José
Outro na construção - ê, João

A semana passada, no fim da semana
João resolveu não brigar
No domingo de tarde saiu apressado
E não foi pra Ribeira jogar
Capoeira
Não foi pra lá pra Ribeira
Foi namorar

O José como sempre no fim da
semana
Guardou a barraca e sumiu
Foi fazer no domingo um passeio no
parque
Lá perto da Boca do Rio
Foi no parque que ele avistou
Juliana
Foi que ele viu

Juliana na roda com João
Uma rosa e um sorvete na mão
Juliana, seu sonho, uma ilusão
Juliana e o amigo João
O espinho da rosa feriu Zé
E o sorvete gelou seu coração

O sorvete e a rosa - ô, José
A rosa e o sorvete - ô, José
Oi, dançando no peito - ô, José
Do José brincalhão - ô, José

O sorvete e a rosa - ô, José
A rosa e o sorvete - ô, José
Oi, girando na mente - ô, José
Do José brincalhão - ô, José

Juliana girando - oi, girando
Oi, na roda gigante - oi, girando
Oi, na roda gigante - oi, girando
O amigo João - João

O sorvete é morango - é vermelho
Oi, girando, e a rosa - é vermelha
Oi, girando, girando - é vermelha
Oi, girando, girando - olha a faca!

Olha o sangue na mão - ê, José
Juliana no chão - ê, José
Outro corpo caído - ê, José
Seu amigo, João - ê, José

Amanhã não tem feira - ê, José
Não tem mais construção - ê, João
Não tem mais brincadeira - ê, José
Não tem mais confusão - ê, João